

“UM NEGÃO DESSE TAMANHO”: CACOS E CURRÍCULOS COTIDIANOS NA TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR NEGRO DE GEOGRAFIA

“UM NEGÃO DESSE TAMANHO”: daily black geography teacher's fragments and curriculums

 Vinícius Hozana ^A

^A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 28/05/2023 | 16/06/2023 DOI: 10.12957/tamoios.2023.76524

Correspondência para: Vinícius Hozana (viniciushozanageo@gmail.com)

Resumo

Este artigo se constrói a partir de relatos da minha trajetória ao longo de 16 anos de experiência como professor de geografia nas escolas do estado do Rio de Janeiro. Tem o objetivo de dialogar sobre currículo e ensino de geografia na abordagem da lei 10.639/03. Minha escolha teórico metodológica baseia-se em três conceitos: cotidiano, currere e paradigma indiciário. Assim, venho trilhando meu caminho na escrita acadêmica ressaltando a importância de uma educação antirracista, das múltiplas possibilidades de compreensão e valorização da produção de saberes no cotidiano escolar. Diante disso, neste artigo abordo a impossibilidade de controle do currículo, e a mudança de ótica na observação dos diversos imprevistos que permeiam nosso dia a dia, para que possamos vislumbrar parte da riqueza presente no cotidiano escolar, manifestando-se através da heterogeneidade presente nas escolas. As temáticas abordadas parecem funcionar como gatilhos, rizomas que acionam experiências e saberes dos estudantes e professores, muitas vezes levando as reflexões e os debates para caminhos bem distantes do tema. Ao navegar em um rio anastomosado, muitos são os caminhos para percorrer da nascente a foz. Nos cotidianos os sujeitos estão sempre presentes e o racismo e suas diversas manifestações também.

Palavras-chave: Racismo, Estudos do cotidiano, Educação, Antirracista, Geografia.

Abstract

This article is made from my 16 year experience as a geography teacher at Rio de Janeiro's schools. Its main purpose is to engage about curriculum and geography teaching in 10.639/03 law approachment. My theoretic-methodological choice is based on 3 concepts: daily, curriculums and indicial paradigm. Therefore I am making my path on academic writing emphasizing the importance of anti-racism, multiple understanding possibilities and generation of knowledge at daily school's appreciation. To summarize in this article I talk about the impossibility of curriculum's control and optics' change of several unexpected events which go through our daily routine so we can see half of abundance which is present at the daily school standing up through the heterogeneity at the schools. The approach topics seems to work as triggers, rhizomes which add experience and knowledge to students and teachers, many times inducing to thoughts and debates to different routes from the topic. When you are sailing on a anastomosed river there are many routes to go through from the fount to the river mount. At dailies the subjects are always present and also racism and its many manifestations.

Keywords: Racism, Everyday Life Studies, Education, Anti-racism, Geography.





INTRODUÇÃO

Este artigo se constrói a partir da minha trajetória como professor de geografia nas escolas do estado do Rio de Janeiro. Para atingir o objetivo de dialogar sobre o currículo para além do conteúdo programático e do ensino de geografia como importante ferramenta na aplicação da lei 10.639/03, pretendo demonstrar que a abordagem da lei não está restrita a sala de aula, pois perpassa os corpos dos professores e professoras que chegam nestes espaços. Trato o currículo como um campo de disputas e debates, onde existem diversos tipos de narrativas possíveis para legitimar o conhecimento. Minha escolha teórico metodológica baseia-se em três conceitos: cotidiano, currere e paradigma indiciário. A abordagem do cotidiano como uma escolha teórico metodológica possibilita dialogar com a minha docência, com os estudantes, com os pares e com a sociedade. Minha escrita autobiográfica é um *Currere*, conceito criado por Pinar em 1975 (SUSSEKIND 2014) e que significa a experiência vivida do currículo, o correr do curso, no qual o currículo é vivido e experimentado. Analiso atentamente os cacos que envolvem conversas complicadas com os estudantes, criações cotidianas, examinando os vestígios e investigando as pistas que elegi a partir das minhas experiências de vida, baseado no paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

Abordo a impossibilidade de controle do currículo, e a mudança de ótica na observação dos diversos imprevistos que permeiam nosso dia a dia, para ampliar as possibilidades de compreensão e valorização da produção de saberes e vislumbrar parte da riqueza presente no cotidiano escolar, manifestando-se através da heterogeneidade presente nas escolas.

Ao navegar em um rio anastomosado muitos são os caminhos para percorrer da nascente a foz e ao longo desses 16 anos de magistério muitos são os cacos cotidianos que me possibilitaram perceber que os currículos são incapazes de abarcar toda a complexidade da vida. As temáticas abordadas parecem funcionar como gatilhos, rizomas que acionam experiências e saberes dos estudantes e professores, muitas vezes levando as reflexões e os debates para caminhos bem distantes das propostas para as aulas.

Segundo Massey (2008), o espaço é devir, pois está sempre em fluxo, sempre dissolvendo, criando e transformando realidades existentes. Logo a problematização das questões que afetam os cotidianos das escolas é fundamental para fomentar os diálogos, e não há como escapar da discussão sobre o currículo, tendo o cotidiano como uma escolha teórico metodológica interseccional. Nos cotidianos os sujeitos estão sempre presentes e o racismo e suas diversas manifestações também.

Construo diálogos entre minhas experiências e os diversos autores. Assim os cacos abordados neste artigo têm o objetivo de ilustrar como o racismo se manifesta, atravessa os meus fazeres, sendo parte constituinte de muitas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.



CONVERSAS COM UM PROFESSOR NEGRO

Meu telefone tocou, era uma grande amiga da época de faculdade, hoje professora de uma renomada escola na cidade do Rio de Janeiro, atendi e ela questionou se eu teria algum tempo livre na semana, pois ela gostaria de me indicar para dar aulas particulares para uma estudante. Concordei com a indicação e ela ao conversar com o responsável da estudante preocupou-se em ressaltar as “qualidades” do meu currículo, sendo um professor de Geografia, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós graduado em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrando em educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e com mais de 10 anos de experiência em sala de aula. Posteriormente conversei com o responsável pelo telefone, confirmamos a aula particular, combinamos valores e marcamos o dia e o horário. Na data e horários agendados toquei o interfone de um prédio antigo de três andares na Barra da Tijuca. Minha entrada foi autorizada, peguei o elevador e toquei a campainha. A porta se abriu e um senhor de meia idade ficou parado segurando a maçaneta e olhando nos meus olhos. Passados alguns segundos de silêncio constrangedor ele me disse: - “Se eu soubesse que você era um negão desse tamanho eu não tinha te contratado.” Foi-se o tempo em que posturas como essa me surpreenderiam, rapidamente respondi: - “É simples, basta me pagar o valor combinado e eu vou embora.” Ele riu e me pediu para entrar. Entrei, ministrei as duas horas de aula peguei o pagamento e fui embora. A estudante obteve o resultado esperado na avaliação que tanto a preocupava e eu experienciei mais uma das inúmeras facetas de demonstração do racismo cotidiano.

Sou um homem negro de 37 anos, filho, irmão, amigo, marido, pai, professor e pesquisador. Sou enquadrado pelo olhar social no que popularmente chamam negão. A leitura que fazem do meu corpo está associada a elementos limitados como violência, sexualidade, musicalidade, prestação de serviços braçais e de segurança. Já ouvi que o negro nasce duas vezes, no parto e quando recebe a chancela de negro na sociedade, quando fica explícito qual o significado dos corpos negros no convívio social, na produção do imaginário do homem negro como vilão, na zoomorfização dos corpos negros.

Para Goellner (2003)

pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura, é simultaneamente, um desafio e uma necessidade. (...) O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é, portanto, algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (...) Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se



incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2003, p.30 e 31).

Dialogando com o trecho acrescentaria que as características fenotípicas são fatores fundamentais para os significados racistas associados ao meu corpo. Nessa interpretação o conteúdo pouco importa, já que a discriminação é dada pela forma.

CRESCER

A primeira notícia que li em 2021 foi da morte de uma menina negra de 5 anos de idade, moradora do morro do Turano. Ela foi atingida por uma bala no pescoço, na noite de réveillon. A primeira notícia que li em 2022 foi a da morte de um menino negro de 6 anos de idade, morador da comunidade da Torre, no bairro Inconfidência em Queimados, na Baixada Fluminense. Ele foi atingido por uma bala no peito. Quantos já foram mortos em 2023?

Recordei-me de 2013, ano que comecei a lecionar na rede estadual do Rio de Janeiro, em um CIEP¹, localizado no município de Nova Iguaçu. Em uma das minhas primeiras aulas, conversando com uma turma de 6º ano, no qual a maioria dos estudantes era negra, propus que escrevessem no papel quais os seus sonhos, desejos para o futuro, para que depois pudessemos dialogar sobre os temas que surgissem. A ideia era falar sobre futuro, planejamentos e perspectivas. Durante a dinâmica um estudante entregou a sua folha com apenas uma palavra escrita: “crescer”.

Na hora, de bate pronto, brinquei com ele dizendo: - “Ué! Crescer é biológico, uns crescem mais, outros menos, para crescer basta estar vivo”. Não analisei a complexidade daquele fato no momento em que ele ocorreu, nem mesmo retornei a essa lembrança, quando ao longo dos 4 anos em que trabalhei nesse CIEP, vários jovens estudantes negros perderam a vida em situação de violência. Partindo da premissa que é preciso estar vivo para crescer, quantos de nós, mulheres e homens negros, temos nossas possibilidades de futuro negadas por conta do racismo. Ações que buscam negar nossa existência, nos invisibilizar. Dialogo com Almeida e Kilomba para tentar responder: como podemos definir o racismo?

Almeida (2019) apresenta a seguinte definição:

podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente”



preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (ALMEIDA, 2019, p.22).

Já Kilomba (2021) afirma que

o racismo é uma realidade violenta. Por séculos, ele tem sido fundamental para o fazer político da Europa, começando com os projetos europeus de escravização, colonização (...) o racismo é muitas vezes visto como um fenômeno periférico, marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política (...) ilustra a fantasia predominante de que o racismo é “algo” nas estruturas das relações sociais, mas não um determinante dessas relações (KILOMBA, 2021, p.71).

Pensando nessas duas definições de racismo trago o trecho de uma música famosa do Gabriel Pensador e o trecho de uma fala do ex Vice Presidente General Mourão, para ilustrar e introduzir a continuidade da conversa.

“Racismo, preconceito e discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal, que justificativa você me dá
Para um povo que precisa de união(...)”

Gabriel Pensador – 2003

'No Brasil, não existe racismo', diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado. "Lamentável, né? Lamentável isso aí. Isso é lamentável. Em princípio, é segurança totalmente despreparada para a atividade que ele tem que fazer [...]para mim, no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar aqui para o Brasil. Isso não existe aqui", afirmou Mourão. Vice-presidente repetiu tese por três vezes e disse que racismo é 'coisa que querem importar para o Brasil'. João Alberto Freitas, 40 anos, foi espancado e morto por seguranças no RS. (<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.g.html>)

Refutando o compositor afirmo que o racismo não é burrice, não é problema cognitivo, não é desvio moral. Almeida e Kilomba mostram que o racismo é tecnologia de dominação e perpetuação de poder. O racismo faz parte da estrutura política, econômica e



histórica do nosso país e é uma estratégia para disputa de recursos e bem estar. A fala equivocada do General Mourão é pautada na falácia da Democracia Racial, que segundo Almeida (2019) consiste em

afirmar a miscigenação como uma das características básicas da identidade nacional, como algo moralmente aceito em todos os níveis da sociedade, inclusive pela classe dominante. Assim, ao contrário de países como os Estados Unidos, nunca se instalara no Brasil uma dinâmica de conflitos baseados na raça. O que se pode notar é que a ideologia da democracia racial se instalou de maneira muito forte no imaginário social brasileiro, de tal modo a ser incorporada como um dos aspectos centrais da interpretação do Brasil, das mais diversas formas e pelas mais distintas correntes políticas, tanto à “direita” como à “esquerda” (ALMEIDA, 2019, p.109).

Por isso é fundamental debater o racismo e o mito da democracia racial, difundindo práticas antirracistas, pois o antirracismo não é só inclusão, é admitir que há outras formas de gerir a vida. Segundo hooks² (2017) os atos de desafio devem questionar o status quo. A escola é palco de disputas sociais, vigilância de ideias e significados, manutenção do status quo, docilidade e domesticação dos corpos para a vida em sociedade limitando os espectros de ação. A educação deve combater a unicidade, quebrar sentidos, mostrar outras possibilidades, valorizar as diferenças. Para Moreira e Silva Júnior (2016)

Se entendermos o currículo como o coração da escola, podemos afirmar que por seu intermédio se apresentam aos alunos a visão de mundo que se quer difundir e a ideologia que se pretende inculcar. Pinar (2004) afirma que o currículo escolar incorpora o que escolhemos lembrar sobre o passado, o que acreditamos sobre o presente e o que esperamos do futuro. (...) É por meio do currículo, concebido como elemento nuclear da política educacional, que os distintos grupos sociais – especialmente os dominantes – expressam sua visão de mundo, seu projeto social e suas “verdades”. Sendo assim, problematizar e questionar o currículo pode constituir um caminho inicial no esforço por formar novas subjetividades que não aceitem as normas opressoras (MOREIRA E SILVA JÚNIOR, 2016, p.48).

Pensando no caráter questionador que podemos atribuir a nossa experiência do currículo vivido, trago alguns relatos de situações de racismo que vivi no contexto profissional e estudantil *dentrofora*³ das escolas.



* TAMBÉM UM NEGÃO DESSE TAMANHO*

Essa frase atravessa a minha vida a nível pessoal e profissional. Na vida pessoal ela está associada a uma infância e adolescência tolhida, com pouco direito a ingenuidades. Ouvi durante muito tempo meu pai dizer: “-Na rua não vão dizer que você tem só 10, 11, 12, 13, 14, x anos, vão te tratar como adulto. A conversa nunca foi associada a questões racistas, mas hoje reconheço a empiria de um homem negro mais velho conversando com outro mais jovem. Me percebo falando as mesmas coisas para os meus estudantes. Não ande por aí sem camisa, cuidado com o vocabulário, não saia sem seus documentos, seja sempre muito educado durante qualquer abordagem policial, afinal na rua ninguém vai te tratar como um jovem.

Pensando em muitas situações e abordagens policiais que já sofri, a famosa “dura” e dialogando com Ramos e Musumeci (2005, p.16) confirmei que sou um *elemento suspeito de cor padrão*. Para Mv Bill a descrição do marginal é favelado, pobre e preto, para L7nnon sou a cara do freio da Blazer, freio de camburão, seguido pelos seguranças no shopping, questionado pela segurança do banco, a porta sempre trava, o táxi não para, as pessoas não sentam ao lado no ônibus, atravessam a rua, seguram a bolsa, olham. A eloquência dos olhares e o medo estampado na cara de muitos, medo que acua, mas que muitas vezes incentiva um ímpeto de violência, como que para coibir o pior. Já fui atacado e ameaçado muitas vezes e entender que causo medo e espanto em muitas pessoas foi um processo de aprendizado doloroso e libertador.

Nas demonstrações sentimentais ocorre o mesmo processo: Um negão desse tamanho com medo? Um negão desse tamanho chorando? Um negão desse tamanho apaixonado? Um negão desse tamanho escrevendo poesias? Um negão desse tamanho triste? Essa situação já chegou a níveis extremos ao ponto de eu estar em uma festa de aniversário quer foi invadida pela ex esposa do aniversariante, que o agrediu, agrediu a namorada dele, agrediu outro convidado, nós chamamos a polícia e quando eles chegaram o policial me perguntou: - “Pô um negão desse tamanho com medo de mulher?”

Como disse ouço essa frase há tanto tempo, mas só passei a fazer uma análise mais criteriosa dela a partir do momento que passei a ouvi-la na universidade e no meu ambiente de trabalho, principalmente em conversas na sala dos professores e conselhos de classe, comumente associada as minhas aulas. Inúmeras vezes o bom relacionamento que busco construir com as turmas através do diálogo, respeito e afeto é associado ao medo do negão. Se a turma geralmente é indisciplinada, mas nas minhas aulas é participativa, logo vem a fala também com um negão desse tamanho até eu participava. Se a turma faz silêncio durante uma tarefa ou explicação, também com um negão desse tamanho eu ficava quieto.

Em uma das escolas estaduais que trabalho a coordenação passou a convidar os estudantes representantes de turma para participar dos conselhos de classe, podendo expor suas opiniões, tecer críticas e dar sugestões. Nesse conselho eu estava ajustando alguns detalhes no meu diário e ouvindo a participação dos representantes. A representante de uma das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) teceu algumas críticas ao comportamento, na opinião da turma, grosseiro de um professor, que segundo eles falava de forma ríspida e se negava a repetir algumas explicações. Para ilustrar seu ponto de vista falou das minhas aulas e de como, na opinião da turma, os diálogos fluíam de forma mais amena. O professor em questão, homem branco, pediu a palavra e utilizou a seguinte argumentação: - “Como vocês



podem dizer que tem medo de mim, mas não ter medo do Vinícius, um negão desse tamanho!”

VOLTANDO DA FACULDADE

Durante um período da minha vida cursei duas universidades ao mesmo tempo. Quando prestei vestibular passei para Geografia na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na dúvida de onde estudar, fiquei nas duas um tempo até me decidir. Morava em Madureira, saía de casa bem cedo ia para Niterói, estudava pela manhã na UFF, depois ia para a UFRJ na Ilha do Fundão, onde participava de um grupo de pesquisa a tarde e cursava disciplinas a noite. Saía da faculdade por volta das 22hs e muitas vezes só conseguia chegar em casa já perto da meia noite. Num desses dias, desci do ônibus no centro de Madureira, como de costume, e voltei caminhando para casa. Ouvi a seguinte frase: - “Tá indo pra onde negão?” Olhei para trás e era um policial empunhando um fuzil e outro com uma pistola, respondi que estava indo para casa e ele afirmou que “estar na rua depois das 22hs para ele era coisa de vagabundo.” Pedi autorização para mostrar meus documentos e, seguindo orientações do meu pai desde a mais tenra infância, mostrei não só a minha identidade, mas também as carteirinhas de estudante da UFF e da UFRJ. O policial parecia não acreditar. Tirou as duas carteirinhas do plástico e esfregava os dedos nelas como que buscando alguma falsificação ou algo do tipo. Ao terminar o exame, ele me disse: - “Vai lá negão, vai pra casa. Ó, vai ficar maluco de tanto estudar hein.” Na minha vida, estudar e me expressar bem me salvaram inúmeras vezes.

TRABALHO DE CAMPO

Na primeira escola que trabalhei efetivamente como professor, desenvolvi junto aos professores de biologia um trabalho cuja culminância era a visitação em um projeto de conservação de uma área de mangue na Ilha do Governador. Eu estava muito empolgado, pois tinha começado a trabalhar e seria minha primeira ida a campo com os estudantes. Eram dois professores de biologia e eu que trabalhava com as turmas dos dois turnos. Pela manhã fomos com a turma e a professora de Biologia para o mangue, chegando lá pude explicar para os estudantes, durante todo o trajeto, vários aspectos e importância da preservação ambiental. Ao final do percurso a professora ganhou uma garrafa, um boné e uma escultura feita com o material reciclável recolhido do mangue e eu não ganhei absolutamente nada.

Voltamos para a escola e na tarde do mesmo dia voltamos para o mangue, agora com o professor de Biologia. A situação se desenvolveu da mesma forma até o momento da entrega dos brindes, no qual o professor achou estranho o fato de somente ele ganhar algo e questionou. A organização do projeto justificou que apenas os professores ganhavam brindes e ele logo afirmou: -“Eu sou o professor de biologia e ele é o professor de Geografia.” A situação ficou um pouco embaraçosa, a organização tentou justificar afirmando que pensaram que eu era o segurança da escola e por isso eu não tinha ganho os brindes. Eles pediram desculpas, providenciaram os meus brindes, mas eu fiquei, para além da constatação do racismo na situação, com o seguinte questionamento, sem nenhum demérito ao ofício de



segurança privada, será que toda segurança de escola vai aos trabalhos de campo e ministra aula durante todo o evento?

PROTEGENDO A DIRETORA

Estava na sala dos professores quando um dos auxiliares de serviços gerais me chama trazendo o seguinte recado da diretora: - “Preciso que você venha a minha sala.” Ao chegar a sala ela pede que eu aguarde enquanto ela atende duas pessoas no balcão. Fico em pé na porta aguardando, ela termina o atendimento e eu questiono o que ela gostaria de falar comigo. Ela prontamente responde que não queria falar nada, mas como tinha achado as duas pessoas mal-encaradas, pediu para me chamarem afinal um negão desse tamanho já dá uma intimidação.

TRABALHO DE QUÍMICA

No CIEP que trabalhei na Baixada Fluminense entrei em uma turma de segundo ano que estava num debate acalorado sobre macumba na escola. Aquilo me chamou atenção, porque achei a conversa extremamente inusitada, e procurei saber do que se tratava. Um estudante tinha denunciado o professor de Química (homem negro) a direção da escola, afirmando que ele fez macumba em sala de aula. Busquei as informações junto ao professor que me explicou o motivo de todo o burburinho. Ele fez uma experiência acendendo uma vela, apagando a vela e depois reacendendo-a através da fumaça da chama apagada. Construí a seguinte reflexão, nenhum estudante é obrigado a saber fundamentos das experiências de química, mas o que justifica o preconceito com as religiões de matriz africana? E porque eu tenho a certeza de que um professor branco de química não seria questionado da mesma forma?

MÚSICAS DO ARLINDO CRUZ

Estava trabalhando com uma turma de 7º ano o tema território brasileiro, falando do extenso e recortado litoral do nosso país e decidi utilizar uma música do Arlindo Cruz associada ao mapa do Brasil. A ideia era pontuar no mapa os locais listados na letra da canção Pelo Litoral do álbum Batuques e Romances, de 2011. A letra da música diz

O mar êê...
 Tem samba na areia do mar!
 O mar êê...
 O mar me chamou pra sambar
 Se tem lua cheia,
 Tem samba na areia do mar...
 Nessa onda que vai,
 Nessa onda que vou levantar o meu
 astral
 Foi na beira do mar que o samba
 começou
 E eu vou pelo litoral...
 O mar êê...
 O mar me chamou pra sambar
 Se tem lua cheia,
 Tem samba na areia do mar...
 Na praia de Lagoinha
 Nas bandas do Ceára
 Fui a Porto de Galinhas
 E não parei de sambar...
 Nossas praias são de ouro
 Achei um tesouro
 Guardado em baú
 Com um samba cantado em Búzios
 Partido versado em Jenipabu.
 O mar êê...
 O mar me chamou pra sambar

Se tem lua cheia,
 Tem samba na areia do mar...
 Junte Dunas de Itaúnas
 Mel com cidreira e mostarda
 Um gole de Parati
 E a roda tá formada
 Samba é forte nas praias de Ilhéus
 Porém, não contaram em Taquatiara
 Paraná, Bertioiga tão boa
 Capão da Canoa e Jeriquaquara.
 O mar êê...
 O mar me chamou pra sambar
 Se tem lua cheia,
 Tem samba na areia do mar...
 Nessa onda que vai,
 Nessa onda que vou levantar o meu
 astral
 Foi na beira do mar que o samba
 começou
 E eu vou pelo litoral...
 O mar êê...
 O mar me chamou pra sambar
 Se tem lua cheia,
 Tem samba na areia do mar...
 Compositores: Roger Jose Cury /
 Arlindo Cruz / Acyr Marques

Distribui as folhas de exercícios e botei a música para tocar na caixa de som. Para minha surpresa alguns estudantes se mostraram extremamente contrariados, sendo que um deles pediu a palavra e questionou: - “Professor, o senhor é macumbeiro?”. Respondi que não era “macumbeiro” e que aquela era uma forma pejorativa de se referir a qualquer religião de matriz africana. Ele continuou questionando: - “Então porque o senhor está pondo para tocar a música daquele negão macumbeiro do esquentá?” Na época o cantor Arlindo Cruz fazia parte do Esquentá, um programa dominical de variedades da rede Globo, apresentado pela Regina Casé, que tinha muitos negros no elenco. É muito comum ser questionado se sigo religiões de matriz africana e geralmente a pergunta é associada a algum comentário pejorativo e preconceituoso.

* PELE NEGRA E CORAÇÃO BRANCO*

Trabalhei em uma escola particular tradicional no bairro da Freguesia em Jacarepaguá. No período em que estive lá era comum que a dona da escola pedisse para eu ler algum comunicado ou apresentar alguma atração na feira de ciências, festa junina ou conselho de classe. Segundo ela por conta da minha voz forte e grave. Em uma das nossas reuniões de final de ano, ela pediu para que eu fizesse um pronunciamento e após o término resolveu me





elogiar agradecendo a minha presteza e participação e afirmando na frente de todos os professores e funcionários que eu era um “Homem Negro de coração branco!”

Na hora fiquei embaçado com a frase e ante o silêncio da plateia, dei um passo para o lado e puxei uma salva de palmas. Minha surpresa não foi pela fala racista em si, que posso afirmar tristemente, já não me surpreende mais, mas pelo contexto supostamente elogioso da fala e total falta de noção da autora da frase.

EXU

Trabalhava em uma escola particular na Ilha do Governador, e o tema abordado era desenvolvimento socioeconômico brasileiro. Estava discutindo a estrutura do sistema escravocrata e os poucos impactos que a abolição da escravatura trouxe para a população negra brasileira. Resolvi passar o filme *Besouro* que retrata o recôncavo baiano da década de 1920 onde muitos negros ainda viviam sob uma estrutura escravocrata. O protagonista do filme é um capoeirista que defende seu povo combatendo a opressão e o preconceito.

A intenção era discutir a continuidade da escravidão pós abolição e a não-inserção social dos negros libertos. Entendi que os objetivos do planejamento tinham sido atingidos, mas na semana seguinte a exibição do filme, comecei a receber recados de alguns pais, através da coordenação da escola, reclamando sobre a exibição do filme, mais precisamente sobre a aparição de alguns orixás ao longo da história, principalmente na cena do filme em que aparece um personagem que se intitula EXU.

*** A LEI 10.639/03 E OS DIAS 20 DE NOVEMBRO (DESFILÉ, MURAL E CARTAZ) ***

O texto da lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 apresenta as seguintes informações

Mensagem de veto: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.



§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3o (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

De algumas formas que eu não sei justificar, na maioria das escolas que já trabalhei o texto dessa lei, suas orientações e as práticas que deveriam ser cotidianas, transformaram-se em alguma celebração a ser realizada no dia 20 de novembro. Os temas História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, reduzidos a um único dia de trabalho. Vou relatar três situações que vivi em duas escolas estaduais da Baixada Fluminense, onde a maior parte dos estudantes era negra.

No meu primeiro ano no CIEP o tema “Consciência Negra” seria abordado com uma exposição de supostas máscaras africanas feitas de papel machê, além de um desfile onde os estudantes estariam trajados com roupas feitas majoritariamente de tecido de chita. Decorando os corredores da escola imagens de homens e mulheres negras em roupas tribais, postura de caça, segurando instrumentos como arcos, flechas e lanças.

Nessa escola existia um funcionário responsável pelos eventos culturais ao longo do ano, chamei-o para conversar questionando o porquê da associação tribal aos negros e a África como um todo, sugeri que ao invés de homens e mulheres com vestes tribais, fossem expostas imagens de homens e mulheres negras com vestimenta moderna, desempenhando atividades relacionadas com o nosso cotidiano. Paralelo a isso desenvolvi com as turmas em sala dois trabalhos. Um texto em que pedia para que eles escrevessem informações que eles tinham sobre o continente africano, e na primeira parte desse trabalho a maioria das informações estava relacionada a animais, fome, guerra e aids. Na segunda parte do trabalho conduzi uma pesquisa sobre a atualidade no continente africano, falando sobre universidades, geração de tecnologia, grandes cidades, cinema, música, ou seja, tentando quebrar a visão estereotipada que a maioria ali tinha sobre o continente.

Busquei a direção da escola para conversar sobre o desfile e as máscaras e para minha surpresa, percebi que aquela abordagem era uma forma de controlar os assuntos e evitar que as religiões de matriz africana fossem pauta de algum tipo de diálogo. Vale lembrar que essa é a mesma escola onde houve os questionamentos da experiência de química e da música do Arlindo Cruz. Toda negação de diversos assuntos pautada no medo de que o debate sobre África gerasse problemas com os estudantes e seus responsáveis, na tentativa de controlar o que fosse acontecer naquela celebração.

Como saldo positivo consegui que os trabalhos dos estudantes sobre informações e atualidades do continente africano fossem expostos nos corredores do CIEP e que as imagens de negros em vestes tribais fossem trocadas. Trabalhei nessa escola por quatro anos e incorporei ao meu trabalho atividades que pudessem, na minha opinião, quebrar essa lógica



engessada com que o tema é abordado, como se a África se resumisse aos seus animais selvagens, suas tribos, violência, fome, miséria, aids, ebola, escravidão.

Três anos após os eventos relatados acima, nas comemorações do dia da “Consciência Negra”, em uma outra escola que eu trabalhava, chamou minha atenção um cartaz, feito por outro professor da escola, que dizia: “Não precisamos do dia da consciência negra. Precisamos de 365 dias de consciência humana.” Esse cartaz estava fixado na porta da sala em que eu ia entrar e a turma estava me aguardando. Eu, num gesto que pode ser interpretado como grosseria, arranquei o cartaz, entrei em sala, rasguei o cartaz na frente da turma. Passado o silêncio inicial, muitos estudantes começaram a se manifestar sobre a situação, por isso, mudei a temática da minha aula e começamos a falar sobre racismo e preconceitos diversos. Inclusive recorde-me que iniciei minha fala com a seguinte pergunta: - “Quem aqui já sofreu algum tipo de violência por ser humano?”

Nessa conversa complicada eu poderia seguir contando tantas outras histórias e situações que vivi, vivo e, infelizmente, ainda viverei, de racismo cotidiano. Segundo Carneiro (2011)

Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade. (...) Um negro solitário em uma propaganda povoada de brancos representa o conjunto de sua coletividade. Afinal negros são todos iguais, não é mesmo? Brancos, não. São individualidades, são múltiplos, complexos e assim devem ser representados. (...) A branquitude é, portanto, diversa e policromática. A negritude, no entanto, padece de toda sorte de indagações (CARNEIRO, 2011, p.70 E 71).

Essa abordagem de Sueli Carneiro, carregada de ironia, denuncia essa faceta do racismo que elimina a subjetividade dos corpos negros e nos interpreta como massa homogênea, previsíveis e matáveis.

Na impossibilidade de uma conclusão...

Os relatos dos lugares são bricolagens, resíduos de mundo (CERTEAU, 1994). Entretanto devemos considerar que não há neutralidade e que não existem espaços onde não ocorram disputas, eventualmente, entre mais fortes e mais fracos. No artigo percorri esses resíduos por caminhos onde as trajetórias são mais importantes que os destinos, recordando-me de situações em que questionei meus lugares, minhas funções, ressaltando a importância e multiplicidade do trabalho docente, abordando situações que demonstraram a relevância de uma educação antirracista.

Desconfio dos relatos que estabelecem a ascensão social como possibilidade de escape do racismo, ou daqueles que se referem as experiências racistas no passado. São falsos. O racismo é ferramenta utilizada cotidianamente, enraizado nos costumes e manifestando-se nos currículos e escolas. Se o espaço é devir (MASSEY 2008) e o lugar das relações complexas



(SANTOS 2013) a constância dos seus fluxos estão sempre transformando as realidades existentes, confundindo abstrações e concretudes, as verdades de cada um. Nessa ótica me permito sonhar, não com o fim do racismo, mas com o crescimento de uma sociedade antirracista. Não acredito no papel salvacionista da educação, mas vejo o ensino de Geografia como um importante aliado na construção de uma educação antirracista. Partindo do princípio que é impossível controlar aprendizagens e que todos nós produzimos diferença cotidianamente, posso afirmar que cada pessoa presente nas relações cotidianas escolares tem a contribuir para que os protagonismos sejam incentivados e desenvolvidos.

Assim ressalto a importância do currículo planejado/negociado com os estudantes, os pares, a sociedade e do registro posterior dos resultados obtidos para captar parte da experiência vivida. Essa experiência manifesta-se na construção dos saberes geográficos resultantes de cada encontro de trajetórias no espaço escolar. A Geografia e suas múltiplas formas de interpretar o mundo são um caminho possível para aplicar a lei 10.639/03, combater epistemicídios, valorizar as diferenças, admitir que há outras formas possíveis de gerir a vida e fortalecer a luta antirracista.



NOTAS

1-A sigla CIEP significa Centro Integrado de Educação Pública. Fruto de uma política. Os CIEPs foram criados na década de 80 por Darcy Ribeiro, quando era Secretário da Educação no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola. O objetivo era proporcionar educação, esportes, assistência médica, alimentos e atividades culturais variadas, em instituições colocadas fora da rede educacional regular. Essas instituições apresentam características arquitetônicas idênticas tornando-os facilmente identificáveis.

2- A grafia em letras minúsculas é um posicionamento político de recusa egóica intelectual da autora.

3- Segundo Nilda Alves (2003) a escrita conjunta desses termos tem, também, a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como ‘pares’ mas opondo-se entre si.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, p.1-8, jan/dez 2003.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011. 192 p.

CERTEAU, Michael. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. 176 p.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 288 p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação - 4ª edição. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p. 28-40.
hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017. 283p.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 126 p.

MASSEY, Doreen. Pelo Espaço. Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.



MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da. (2016). Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias. Revista Tempos E Espaços Em Educação, 9(18), 45-54, jan./abr. 2016.

RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda. Elemento suspeito: Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Coleção Segurança e Cidadania, 2) 324 p.

SANTOS, Milton. O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo (1.^a ed.,1978). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. 136 p.

SUSSEKIND, Maria Luiza. Quem é... William F. Pinar? Petrópolis, Rio de Janeiro. De Petrus et Alli, 2014. 108 p.



COMO CITAR ESTE TRABALHO

HOZANA, Vinícius. “UM NEGÃO DESSE TAMANHO”: cacos e currículos cotidianos na trajetória de um professor negro de geografia. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 19, n. 2, p. 168-184, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2023.76524>. Acesso em: DD MM. AAAA.